

Joana Patrão Ecos inscritos

Uma gota de água poderosa basta para criar um mundo e dissolver a noite. Para sonhar o poder, necessita-se apenas de uma gota imaginada em profundidade. — Gaston Bachelard¹

Espantosa é a infinita potência da arte para as relações complexas entre pareceres do mundo, entre símbolos e significados, que tantas vezes se condensam até no mais subtil dos gestos. Quanto de novidade se descobre na repetição dos gestos subtis, dos caminhos traçados com olhar sobre os elementos primordiais que testemunham a fugacidade das nossas vidas; e quanto de nós se revela no seu reflexo?

É sobre este estar no mundo em espanto que nos fala a obra de Joana Patrão: um estar atento que se ocupa tanto da reflexão da nossa relação com o meio ao longo da história, quanto do enamoramento das formas que se apresentam aos nossos sentidos. O trabalho da artista remete-nos ao conceito de devir, à constante transitoriedade de tudo, aludindo, simultaneamente, para a ideia de uma continuidade nos ritmos cósmicos e, como tal partilhados, que marcam a existência.

Estamos, portanto, perante um contínuo movimento de sístole e diástole, entre o transitório e o permanente, trazido na obra de Joana Patrão por múltiplos meios, processos e matérias, que convergem no desenho. É pelo desenho que a artista nos apresenta a transversalidade de certos ritmos como, por exemplo, o movimento das ondas do mar, na ondulação da nossa respiração e os ténues espasmos dos nossos gestos, bem como na leitura gráfica do recorte da forma rochosa ou da linha sísmica. Uma escolha intencional e certa pela concordância formal e processual do próprio gesto do desenho a uma irregular fluidez num determinado espaço de tempo. A relação simbólica entre o desenho e a água torna-se, assim, evidente: ambos apresentam a infinitude dos possíveis, o formal e o informal, o germe dos germes... A água, e em particular o mar, é o símbolo da dinâmica da vida; tudo sai do mar e a ele regressa, sendo este o lugar de nascimentos, de transformações e de renascimentos.

Não foi em vão que os sábios antigos procuraram na água a origem das coisas... e todas as nossas sensações agradáveis não são mais, afinal, do que formas diferentes do escoamento em nós dos movimentos desta água original que existe em nós. O próprio sono mais não é do que o fluxo deste invisível mar universal, e o despertar é o começo do seu refluxo.²

Os temas escolhidos pela artista são, pois, sintomas do legado da simbolização da água, mas também do gesto do desenho. O desenho, pelo traço e pela mancha, foi aquele que se inscreveu na pedra para falar a todas as gerações da humanidade, e aquele que frequentemente se rasga na superfície lisa da areia para ser levado pelo mar. O desenho e os seus ecos funcionam como meio de suspender ou jogar com a transitoriedade. É nesta dialética que habitam as obras *A linha como traço do movimento das ondas* (2015), *Diários - mar construído [apontamentos]* (2019), e *O sopro fóssil: eco* (2025) de Joana Patrão, presentes na sua exposição *Ecos Inscritos*.

A artista convida-nos a uma pausada passagem por estas três impressões singulares, que se estabelecem na latitude entre a descrição figurativa que convencionalmente atribuímos ao desenho, até à pura abstracção da linguagem escrita. Como ponto de partida nesta breve viagem em sentido a um mar incógnito, real ou imaginado, é-nos apresentada *A linha como traço do movimento das ondas* (2015), remetendo-nos para a constante negociação entre a representação do observado, a representação da idealização do mesmo e as idiossincrasias daquele que representa, num

acordo incontornável entre apreensão e compreensão, entre o que o olho vê, o que a mente entende e a mão executa. Feita na economia dos gestos, esta linha como traço do movimento das ondas, orgânica e ondulante, trespassa os véus da profundidade, entre as transparências de cada folha, propondo a imersão do olhar.

Seguem-se os *Diários - mar construído [apontamentos]* (2019), uma obra que trata a anotação de datas e locais de desenho do mar e, por isso, um registo estruturado para a memória e para a acção do pensamento. Por detrás da aparente aridez desta metodologia, revela-se a fecundidade da imaginação sobre o tema, bem como uma nova camada sobre a história dos seus símbolos — a herança pictográfica, aflorando a relação entre o código da escrita, o “*aleph-beth*” (que se veio a transformar no nosso alfabeto abstracto)³ e a representação mimética, isto é, descritiva, do movimento ondulatório observável do mar e a letra Semítica *mem*, como também da nossa letra “M”⁴.

Chegamos, por fim, a *O sopro fóssil: eco* (2025), uma instalação composta por desenho com areia sobre chapa de alumínio, em diálogo com o espaço expositivo da Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul. Por esta obra, Joana Patrão atende a diferentes temporalidades: por um lado, com a utilização da areia, afirma a efemeridade de toda a matéria, pela longa e contínua acção dos elementos quase imperceptível aos nossos olhos; por outro, relembra-nos a tão frequente fugacidade dos nossos gestos e conquistas, destinados ao esquecimento. Há uma proposta meditativa e quase hipnótica no acto de desenhar sobre a areia, uma proposta que se adensa no seu encantamento pela introdução do reflexo. Com este, a artista referencia-nos o eco e para a repercussão de todos os aspectos, que retrocedem, que nos são devolvidos como um negativo de tudo o que foi feito. Os traços dão lugar a aberturas de luz, o tempo geológico mistura-se com o tempo humano, a nossa experiência com a da artista, a areia e o alumínio transformam-se num mar só nosso com todo o legado do seu mistério.

Andreia César, 2025

1 Bachelard, G. [2018] *A Água e os Sonhos - Ensaio sobre a imaginação da matéria*. WMF Martins Fontes, p. 10.

2 Novalis [1939] *Les disciples à Sais*. GLM, p. 77

3 Patrão, Joana [2016] *A paisagem enquanto experiência - Mar: imersão e viagem*. FBAUP, p. 117.

4 Patrão, Joana [2016] *A paisagem enquanto experiência - Mar: imersão e viagem*. FBAUP, pp. 117-118: “O processo de uma progressiva abstracção da linguagem e do pensamento é-nos apresentado por David Abram que, entre diversas manifestações, vai buscar um exemplo à linguagem pictográfica, à linguagem que procura os seus signos em representações do mundo natural. Recupera o *aleph-beth* (que se veio a transformar no nosso alfabeto abstracto) e onde ainda é possível reconhecer estas relações: ‘Quando consideramos o *aleph-beth* Semítico inicial, prontamente reconhecemos a herança pictográfica [...] O nome da letra Semítica *mem* é também a palavra Hebraica para ‘água’, a letra, que mais tarde se tornou a nossa própria letra *M*, era desenhada como uma série de ondas: ‘[Abram, 1997, p.101]’.

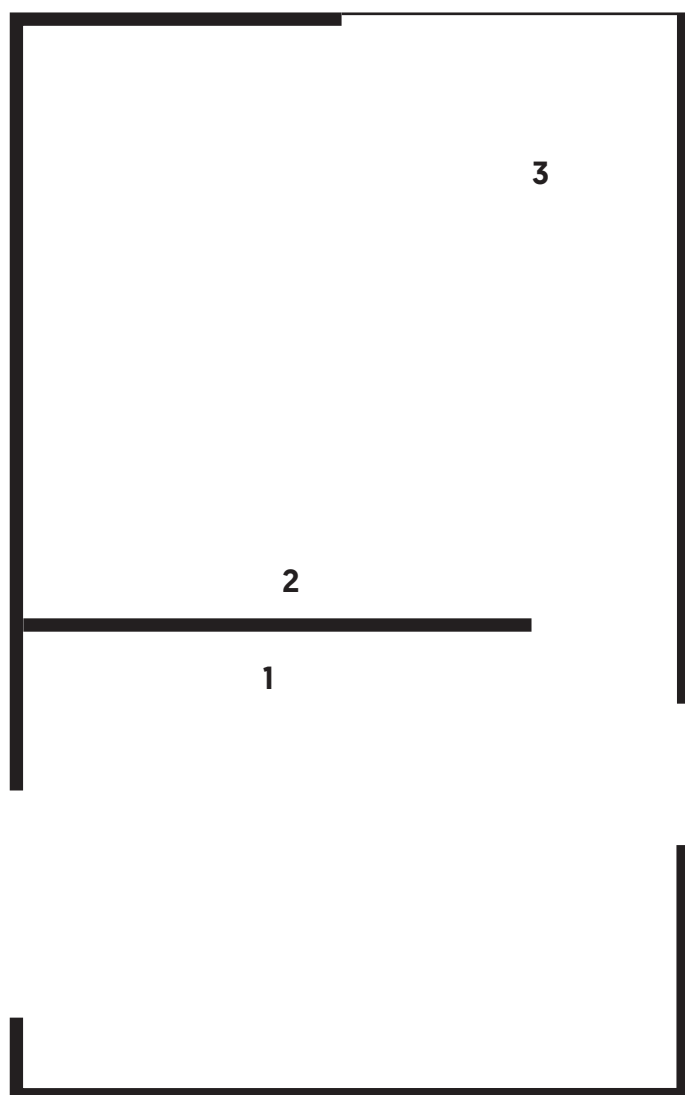
Joana Patrão [1992, Barcelos]. Licenciada em Artes Plásticas [2014] e Mestre em Pintura [2016] pela FBAUP. Estudou na Aalto University (Erasmus+), Finlândia, onde foi selecionada para a incubadora Adaptations–Utö | Site, Stories and Sensory Methods, HIAP, ilha de Utö.

Expõe desde 2014, destacando as individuais: *A brisa do maremoto* [Appleton [BOX], Lisboa, 2021]; *Céu de sal, sal da terra* [Lab Box–Art Curator Grid, curadoria de Luísa Santos, 2020]. E as coletivas: *Desnaturadas* [Rampa, Porto, curadoria de Vera Carmo, 2025]; *super natural voices* [Mono, Lisboa, curadoria de Jule Kurbjeweit, 2024]; *Derivas e Criaturas — Novas aquisições* [Galeria Municipal do Porto, 2023]; *15 anos de MACE* [Cisterna de Elvas, 2022] e *Como o sol/Como a noite* [org. Porto/Post/Doc, curadoria de Alexandra João Martins, 2018].

Em 2024, o seu filme experimental *Anima* estreou no Indielisboa (secção Novíssimos), tendo já passado pelos festivais Laterale [IT], Suspaustas Laikas [LT], Revolutions per Minute [US] e Intermediaciones [CO].

As suas obras estão representadas na Coleção António Cachola, Coleção Municipal de Arte do Porto e em coleções privadas.

+info: www.joanapatrao.com



1 —

A linha como traço do movimento das ondas [2015], caneta sobre papel vegetal, 15 x 20 cm

2 —

Diários - mar construído [apontamentos] [2019], caneta sobre papel vegetal, 75 x 151 cm [a partir de notas presentes em Diários - um mar diário, 2015-2019, série de diários]

3 —

O sopro fóssil: eco [2025], instalação site-specific: desenho com areia sobre chapa de alumínio